

Debate sobre Financiamento do ensino Superior Público

24

SETEMBRO 2019
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA

A sessão da manhã foi dedicada ao financiamento do sistema de Ensino Superior.

A abertura esteve a cargo do reitor, que referiu as condições de desigualdade na repartição de verbas do Orçamento de Estado e de apoio à investigação a que a UC está sujeita devido ao seu afastamento dos centros de decisão política.

O primeiro conferencista foi Luc Soete, que fundamentou a sua intervenção em duas premissas que são incontornáveis: (i) a educação causa desigualdade e (ii) a mobilidade social tende a reproduzir e a aumentar a desigualdade. Neste sentido, defendeu que não devem ser os impostos de todos a financiar a ensino superior, mas sim as propinas daqueles que o frequentam. Como exemplo virtuoso, apresentou a legislação inglesa de 2006, alterada em 2011, que estabeleceu um sistema de empréstimos garantidos pelo Estado aos estudantes das universidades e que consubstancia um *income contingent system*.

Soete apontou também que os incentivos à mobilidade dos investigadores e a promoção da flexibilidade profissional ao longo da vida vão resultar inevitavelmente em *brain drain*.

Na parte final da conferência Soete afirmou que as universidades se devem afirmar como atores cruciais de desenvolvimento regional procurando focar-se em nichos de investigação e na formação

de *clusters* de inovação na sua área geográfica, perseguindo o objetivo ideal de uma ciência cidadã.

Seguiu-se um painel moderado por Manuel Portela e com a participação de Gonçalo Velho, presidente do SNESUP e Pedro Lourtie, membro dos conselhos gerais da UTAD e do IP Leiria.

Gonçalo Velho (GV) fez uma sinopse da evolução das universidades como centros produtores de conhecimento, desde a Idade Média até à atualidade. , referindo que foram sempre reconhecidas como instâncias que validam os saberes científicos e determinam o conhecimento verdadeiro.

Em exercício comparativo no espaço europeu, GV realçou que os 5 maiores orçamentos de funcionamento e investigação pertencem a instituições suíças, que dispõem de verbas que são múltiplos do financiamento de todo o ensino superior Português. Esta discrepância representa uma das debilidades principais das nossas universidades na competição por projetos internacionais. Ainda segundo GV, é necessário ter sempre em conta que o financiamento europeu é incerto e que varia muito ao sabor das prioridades políticas do momento.

Pedro Lourtie falou das vicissitudes e constrangimentos que caracterizam o financiamento do ensino superior que confrontam as universidades

com a necessidade vital de proceder a uma gestão de recursos prudente e estratégica, de modo a não colocar em risco sustentabilidade das instituições.

A sessão da tarde foi dedicada ao Financiamento competitivo e teve como conferencista António Cunha (AC), ex-reitor da Universidade do Minho e ex-presidente do CRUP. AC apresentou o estudo de caso da sua universidade, descrevendo os desafios e problemas colocados à gestão pela necessidade de procurar constantemente receitas próprias através de candidaturas a projetos de investigação. Face à premência de participar na competição por recursos, os centros de investigação tendem a multiplicar as candidaturas a projetos para maximizar as hipóteses de sucesso. A existência simultânea de vários projetos financiados, alguns deles implicando verbas muito elevadas, pode ter como consequência graves problemas administrativos e financeiros, dado que implicam contratação de pessoas e aquisição de equipamentos e serviços, quando as agências financiadoras se atrasam com frequência no pagamento dos montantes contratualizados. AC sustentou que o financiamento competitivo deve resultar de estratégias da instituições e que estas terão vantagens em se centrar em clusters de investigação com relevância para o desenvolvimento regional.

Seguiu-se um painel, moderado por Carlos Gonçalves, e em que participaram Lino Gonçalves (LG), da FMUC, e Diogo Ramada Curto (DRC), da FCSH da Universidade Nova de Lisboa. LG apresentou o programa conjunto da FMUC, UN e Harvard Medical School para promover a internacionalização ao mais alto nível de jovens investigadores portugueses. Ao longo dos anos, a iniciativa tem proporcionado a participação de investigadores nos programas pós-graduados de Harvard, bem como nos centros de pesquisa e no contato com investigadores de topo mundial. LG realçou que vários dos jovens investigadores que participaram no programa estão neste momento já profissionalmente inseridos em centros e redes de pesquisa de Harvard, o que constitui um sinal de sucesso do programa. DRC centrou-se nas dificuldades de pensar,

planear e lavar a cabo projetos de investigação interdisciplinar, dado que a organização departamental das universidades constitui um escolho de monta. Por conseguinte, DRC é adepto de reorganização dos saberes universitários, de modo a permitir o diálogo intelectual de pesquisadores de diferentes áreas científicas, que dê corpo à tão necessária inovação interdisciplinar.

Do mesmo modo, DRC defendeu que a progressão na carreira universitária seja resultado do mérito científico e não de estruturação burocrática das vagas disponíveis.

O evento foi encerrado pelo presidente do Conselho Geral da UC, João Caraça, que sublinhou os pontos centrais das intervenções do dia, apontando ao mesmo tempo necessidade para a universidade de tirar conclusões estratégicas que permitam enfrentar o futuro. Centrou-se nomeadamente no confronto entre ‘autonomia’ e ‘financiamento’ e na arte de gerir esse dipolo, na necessidade de terminar o conflito ‘disciplinas/interdisciplinaridade’ para bem da coexistência entre o ensino e a investigação, bem como no impacto brutal da passagem do conceito de ‘recursos humanos’ (que já em si manifestava uma visão demasiado economicista da vida em sociedade) para o de ‘capital humano’ que traz como consequência a transição da noção de um benefício público (os ‘recursos’) para o domínio do privado (o ‘capital’).